

# Multimodalidade da linguagem e Metáforas Visuais e Verb

## O corpo na concepção de eventos na língua de sinais brasileira \*

Bruno Gonçalves Carneiro \*\*

### Resumo

O objetivo deste trabalho é observar a projeção de entidades provenientes do discurso narrativo a partir do corpo do sinalizante e do espaço de sinalização. Para tal, baseamo-nos na Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier (1994 [1985], 2006 [1997]); Fauconnier e Turner (1996, 1998) e da descrição dos Espaços *Token* e *Surrogate* nas línguas de sinais apresentada por Liddell (1996, 2000, 2003) e Liddell e Metzger (1998). Analisamos um texto, sinalizado por surdo adulto usuário da libras. Sugerimos que o sinalizante mapeia entidades do discurso sobre seu corpo, até mesmo entidades diferentes, dando-lhes visibilidade simultânea na codificação. Criam-se também participantes invisíveis sobre o espaço de sinalização. O corpo pode alternar em representar ora o agente, ora o paciente, sendo tais participantes definidos a partir de critérios como a disposição do corpo e da face do sinalizante.

### Palavras-chave

Concepção; experiência corporal; representação; língua de sinais

### Abstract

The objective is to observe the projection of proceeding entities of narrative speech from the body of who signalizes and the signaling space. For such we arm ourselves with the Fauconnier Mental Space Theory (1994 [1985], 2006 [1997], Fauconnier and Turner (1996, 1998) and of the Descriptions of the Token and Surrogate Spaces in the sign language represented by Liddell (1996, 2000, 2003) and Liddell and Metzger (1998). We analyzed one text, signalized by deaf adult who use sign language. We suggest the person who signalizes maps the speech entities about his body, even different entities, giving them simultaneous visibility on the codification. They also create invisible participants on the signaling space. The body may alternate between representing the agent and the patient, these participants are also defined having as criteria the position of the body and the face of who signalizes.

### Keywords

Concept; body experience; representation; sign language

---

\* Recebido em 17/04/2015 e aprovado em 10/06/2015.

\*\* Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Graduado em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional.

## 1. Introdução

O presente trabalho é um estudo descritivo de alguns aspectos que abrangem a construção de significado na língua de sinais brasileira. Focamos nossa análise nas construções em que o corpo do sinalizante (como um todo) codifica a concepção de eventos, resultando em estruturas icônicas capazes de transmitir grande número de informações de forma simultânea. A este fenômeno denominamos *representação* ou *construção representativa*, ocorrência em que o sinalizante “representa” um dos participantes do evento e a ação, como numa encenação da situação enunciada. Este recorte corresponde a um sub-grupo dos verbos descritivos da língua de sinais americana, de acordo com o proposto por Liddell (2003). Como não é nosso intuito apresentar uma nova terminologia quanto ao fenômeno aqui observado, adotamos as colocações de Dudis (2008) que usa o termo “representação” para se referir a essa classe de verbos descritivos<sup>1</sup>.

A disposição do corpo do sinalizante durante o discurso é uma fonte de importantes vestígios na construção de significado. Muitas destas pistas constituem-se de diversos elementos gestuais, também reconhecidos nas línguas faladas, mas que adquirem novo *status* quando associados às línguas de modalidade gestual. Por isso Liddell (2003) alerta sobre o equívoco em considerarmos que toda fonte de significado nas línguas de sinais é proveniente de morfemas.

A nossa análise, dessa forma, baseia-se na existência de gestos atrelados ao discurso sinalizado. Entretanto, não nos ocupamos de distinguir elementos verbais dos não-verbais, simplesmente por este não ser o nosso objetivo. Foge também à segmentação proposta pela visética/ visêmica<sup>2</sup> e morfologia, bem como de análises discretas e categóricas.

Nosso foco são as expressões de evento na língua de sinais brasileira. Voltamo-nos, especificamente, para as construções em que o corpo do sinalizante “representa”, simultaneamente, a ação e participantes do evento. Neste caso, a construção é codificada numa escala de dimensão real, de forma semelhante a uma encenação da situação enunciada pelo sinalizante.

O objetivo do presente trabalho é observar a projeção de entidades provenientes do discurso narrativo a partir do corpo do sinalizante e do espaço de sinalização. Observamos e

---

<sup>1</sup> Paul Dudis (2008) usa o termo *depiction* para se referir ao fenômeno aqui observado, que foi traduzido para o português como *representação*. Sugerimos também o termo *construção representativa* para abarcar a dinamicidade do fenômeno.

<sup>2</sup> Adotamos os termos propostos por Estelita-Barros (2008), que usa visético e visêmico para se referir às unidades visuais de uma Língua de Sinais, equivalente aos termos fonético e fonêmico para as unidades sonoras das Línguas Orais.

discutimos os dados de um ponto de vista sintático-discursivo, visualizando o corpo do sinalizante numa perspectiva mais ampla, vinculada a processos cognitivos gerais e atrelados à experiência corporal diária como forma de conceber e codificar as impressões que temos do mundo (JOHNSON, 1992, LANGACKER, 1991, 2002, 2008).

## 2. Fundamentação teórica

Ao concebermos um enunciado, ignoramos quanto trabalho é realizado nos bastidores da cognição. As sentenças de uma língua são apenas vestígios da gama de atividades que elaboramos na construção de significado; materializam pequena porção da tarefa executada pelos falantes (FAUCONNIER, 1994 [1985], 2006 [1997]). O entendimento amplo desse processo deve considerar fatores não linguísticos. Nesse sentido, surge a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994 [1985], 2006 [1997]; FAUCONNIER; TURNER, 1996, 1998).

Espaços Mentais (EM) são construções cognitivas elaboradas no momento em que pensamos e falamos, com o intuito de atingirmos a compreensão e a ação. Consistem de pequenos pacotes conceituais estruturados em grades conceituais<sup>3</sup> e constituídos de elementos que podem ser usados para referir a realidade objetiva. As configurações dos EM são inespecíficas, sofrem contínuas modificações e não há uma correspondência de submissão entre a configuração de um Espaço Mental e uma forma linguística. A forma linguística, que atua junto a fatores não linguísticos, demarcará a construção dinâmica dos Espaços. Desta forma, a construção de EM resgata conhecimentos disponíveis, experiências e trocas dos interlocutores envolvidos na situação, aspectos implícitos do contexto mediato e imediato, a cultura da comunidade de fala, além de propriedades reais do ambiente ao redor. Existem também intercâmbio de EM prévios, conexões inter e trans espaciais, que favorecem o encontro de domínios apropriados à construção semântica de uma situação (FAUCONNIER, 1994, 2006 [1997]; FAUCONNIER; TURNER, 1996, 1998).

---

<sup>3</sup> De acordo com Langacker (2008), o termo *frame* (grade conceitual) pode ser usado como sinônimo de domínio (recinto semântico evocado durante o processo de concepção, de onde um conceito específico pode emergir). Mas nem sempre são termos equivalentes. Domínio, ainda segundo o autor, seria um termo mais genérico para a base conceitual, que às vezes pode ser entendida como um fenômeno de características mais básicas, podendo envolver uma noção mais fundamental. *Frames* seriam comparados aos domínios não básicos que ocupam níveis mais altos da organização conceitual. De forma semelhante, os termos *Espaços Mentais* e *domínios* também podem ser usados como sinônimos, numa situação mais geral, mas são formas distintas de visualizar a estrutura conceitual. *Domínio* se refere ao conteúdo conceitual e tende a ser usado para as concepções estabelecidas em relação aos significados lexicais. *Espaço Mental* enfatiza a descontinuidade conceitual, frisando a concepção como um produto de operações imaginativas criadas a partir da dinamicidade do discurso.

É possível também a mesclagem entre EM, vitalizando um terceiro Espaço a partir do *input* dos envolvidos, o Espaço Mental de Mesclagem (EMm), que terá elementos comuns aos EM constituintes bem como características de cada contraparte do processo. Esta combinação promove também a gênese de uma Estrutura Emergente, na medida em que elementos surgem (inexistentes nos *inputs* em separado) e novas relações, na construção de significado, são estabelecidas.

A teoria da Mesclagem é citada também por diversos autores na elucidação de fenômenos nas línguas de sinais, tais como o uso do corpo e do espaço em mecanismos referenciais e o uso do corpo na representação de estados, eventos, codificação de papéis semânticos (DUDIS, 2004, 2008; LIDDELL, 2000, 2003; LIDDELL; METZGER, 1998; MOREIRA, 2007; PERNISS, 2007).

Quando a contraparte na formação de um EMm, é o corpo do sinalizante, esse produto é denominado de Espaço *Surrogate* (“substituto”). Nesse momento, o sinalizante torna-se algo ou alguém diferente, um elemento visível da construção. O evento é demonstrado “ao vivo”, de forma a ser concebido no aqui e no agora. O sinalizante permite ao interlocutor um acesso concreto (uma espécie de simulação) da situação oriunda do discurso. Surgem também outros referentes no cenário que, embora invisíveis, estão conceitualmente presentes, sendo recuperáveis a partir das informações obtidas pela disposição do corpo do sinalizante. Liddell (2003) explica que esse é um espaço dinâmico e rico em gestos, o que permite uma descrição visual minuciosa da construção conceitual. O interlocutor identifica o Espaço *Surrogate* a partir da disposição particular do tronco e do olhar do sinalizante. A nova entidade terá as características físicas do sinalizante e as características conceituais do Espaço Mental mesclado a ele. Os movimentos do tronco, da face, a direção do olhar, as expressões faciais e todo elemento gestual realizado pelo sinalizante, serão vinculados à entidade do Espaço Mental de Mesclagem (AARONS; MORGAN, 2003, DUDIS, 2004, 2008, LIDDELL, 1996, 2003, LIDDELL; METZGER, 1998, MCCLEARY; VIOTTI, 2011).

Na língua de sinais brasileira, McCleary e Viotti (2011) também discutem sobre a disposição do corpo do sinalizador direção do olhar, bem como sua mimese, integrados ao discurso sinalizado de maneira coesa e coerente. Assim, línguas sinalizadas estabelecem uma parceria entre elementos verbais e gestuais, na organização lexical, gramatical e discursiva.

De acordo com Kendon (2003), a possibilidade de integração entre fala e gestos permite o surgimento de uma unidade de significado mais complexa, na medida em que os traços cinésicos manifestam atos como apontação ou representação de uma ação. No contexto

das línguas sinalizadas, Metzger (1995, apud LIDDELL, 2003) denomina *ações construídas* a representação das ações de uma entidade pelo sinalizante.

Nesse processo, o corpo<sup>4</sup> do sinalizante participa da construção de enunciados icônicos, capaz de representar simultaneamente um referente do discurso e sua ação. Em relação ao uso do corpo, Liddell (1996), Liddell e Metzger (1998) adiantam que seu uso produtivo no discurso das línguas de sinais abrange uma esfera de análise acima do nível visético-visêmico. Trata-se de uma estrutura linguística mais geral, um construto cognitivo pertencente tanto às línguas sinalizadas quanto às línguas orais. A disposição particular do corpo, cabeça e olhar também é encontrada no discurso de falantes. Da mesma forma, os gestos vocais são elementos importantes, mas não representam elementos gramaticais. “Esses comportamentos conduzem a funções pragmáticas relacionadas às ações do personagem da mesclagem e ajudam o interlocutor a construir e entender os espaços mentais”<sup>5</sup> (LIDDELL; METZGER, 1998, p. 675).

É possível também a mesclagem de um ponto arbitrário do ambiente físico imediato a uma entidade do Espaço Mental narrativo, de forma que os referentes passam a ser estabelecidos no espaço de sinalização (LIDDELL, 2003). Liddell (2003) denomina esse Espaço de *Token*. As línguas de sinais utilizam esse recurso de forma vantajosa, a saber, pela trajetória dos verbos de indicação e dos sinais de apontação. Ainda de acordo com o autor, nenhuma atividade é possível com um elemento do Espaço *Token* além da referenciação.

### 3. Metodologia

O *corpus* que compõe nossos dados de análise constitui de um texto originalmente produzido em libras, que discute sobre metodologias de ensino utilizadas pelas escolas ao longo da história da educação de surdos. Identificamos as *construções representativas* em nosso *corpus* e, em seguida, os elementos visíveis e invisíveis (Espaços Mentais), mapeados sobre o corpo do sinalizante e no espaço de sinalização, respectivamente. Transcrevemos os trechos narrativos em que as *representações* ocorrem, a fim de preservarmos o contexto em que foram concebidos. Adotamos a notação de Veloso (2008) em que utiliza glosas em língua portuguesa combinadas a imagens dos sinais, a fim de remeter o leitor o mais próximo possível ao discurso sinalizado.

---

<sup>4</sup> Apesar de usarmos o termo “corpo” e noutros momentos “o corpo como um todo”, apenas partes do corpo do sinalizante participam do Espaço *Surrogate* (LIDDELL, 2003, DUDIS, 2008, MCCLEARY; VIOTTI, 2011). Um sinalizante, por exemplo, pode representar a ação de correr de um personagem, estando sentado ao sinalizar. Isso demonstra que as pernas do sinalizante, nessa construção em específico, não fazem parte da mesclagem.

<sup>5</sup> [t]hese behaviors carry out pragmatic functions related to the actions of the blended character and help the addressee construct and understand the mental spaces.

Os dados foram analisados com o auxílio do programa Eudico Language Anotador (ELAN), ferramenta de notação muito utilizada em pesquisas no Brasil envolvendo línguas sinalizadas e que está disponível gratuitamente<sup>6</sup>.

O primeiro passo de nossa análise foi a identificação de *construções representativas* em nosso *corpus*. Para isso, seguimos a definição semântica de evento, dentro dos preceitos da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1991, 2002, 2008). Em seguida, atemo-nos a essas construções e seguimos com a identificação de elementos visíveis e invisíveis, que são Espaços Mentais mapeados sobre o corpo do sinalizante e no espaço de sinalização, respectivamente. Simbolizamos esses elementos do Espaço Mental *Surrogate* entre barras e em itálico (exemplo: |*aluno*|), seguindo as notações de Liddell (1996, 2000, 2003), Dudis (2004, 2008), McCleary e Viotti (2011). Nesse momento, não há referência ao sinalizante no Espaço Real<sup>7</sup>, mas às entidades do Espaço Real de Mesclagem que são concebidas a partir do *input* do corpo do sinalizante e do espaço físico em torno. Identificamos as entidades do Espaço Mental *Token* entre aspas (exemplo: “professor”).

#### 4. Resultados

Esta seção apresenta a análise de um texto que discute acerca dos inconvenientes do método bimodal como metodologia de ensino para surdos, e a impossibilidade de o aluno surdo acompanhar o que está sendo falado e sinalizado de forma simultânea pelo professor. Recortamos trechos da narrativa em que o corpo do sinalizante<sup>8</sup> representa o evento e (ao menos) um dos participantes (simultaneamente), e identificamos as entidades do discurso concebidas a partir da criação de Espaços Mentais de Mesclagem envolvendo o corpo do sinalizante e o espaço de sinalização.

---

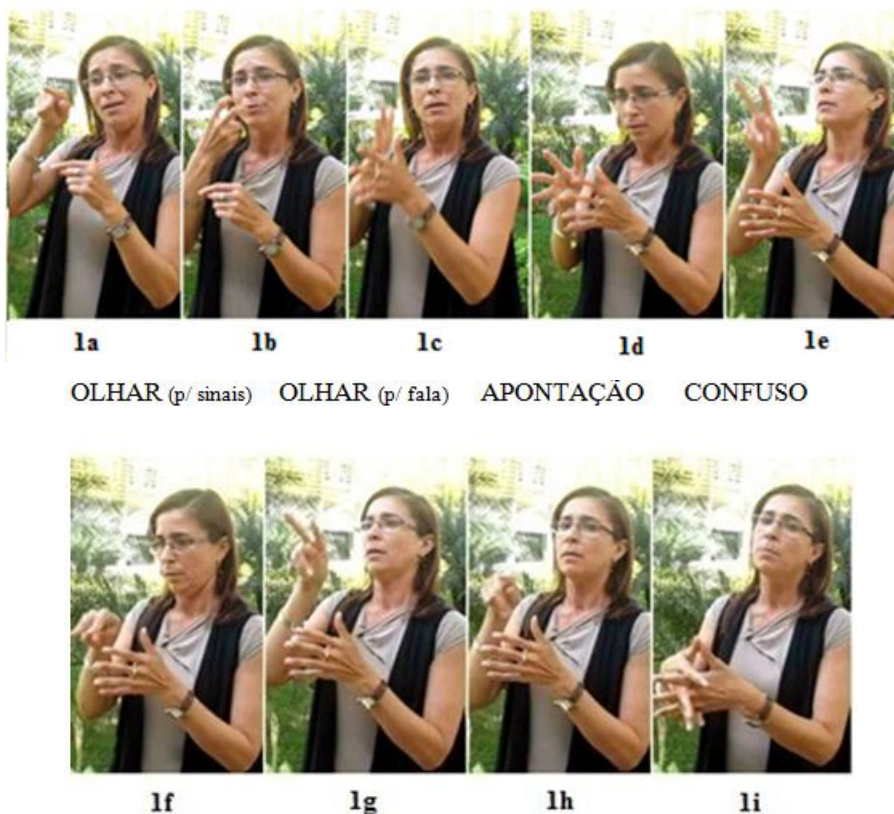
<sup>6</sup> O programa Elan está disponível para *download* no site <<http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/>>.

<sup>7</sup> O Espaço Mental Real (ou Espaço Real) é uma concepção daquilo que entendemos sobre o que vem a ser o real e consiste de todas as representações que elaboramos sobre o ambiente físico imediato. A disposição das entidades do entorno e a concepção que construímos sobre tal disposição, são acontecimentos diferentes. Mas em geral, esses construtos se sobrepõem, daí tratarmos o Espaço Real, que é uma representação, como possuidor das mesmas propriedades do nosso ambiente físico do entorno (realidade objetiva).

<sup>8</sup> Agradeço a professora Roselba Gomes de Miranda, pela disponibilização do texto e autorização de uso de suas imagens.

**FIGURA 1 – Texto 1**

APONTAÇÃO ORALIZAR SINALIZAR OLHAR (p/ sinais) OLHAR (p/ fala)



FONTE: Trecho do *corpus* analisado com o ELAN

Tradução livre do texto 1:

*O professor, quando fala e sinaliza simultaneamente, gera uma confusão para o aluno, pois este precisa ficar atento tanto aos lábios quanto às mãos do professor.*

Na primeira apontação, em (1a), na figura 1, cria-se um Espaço Mental de Mesclagem a partir de um ponto do espaço físico real. O produto da combinação é um Espaço de Mesclagem *Token*, porque a entidade “professor” é concebida apenas como um ponto no espaço de sinalização à frente da sinalizante, disponível para referenciação; não possui dimensões antropométricas de um ser humano. Apontamos que em (1a), (1b), (1c), o “professor” está à frente da sinalizante e, até o momento, nenhuma entidade conceitual foi mapeada sobre seu corpo. Inferimos que até a imagem (1c), a sinalizante é apenas a narradora

do discurso<sup>9</sup>; seu olhar e seu corpo não participa de nenhuma combinação para a criação/visibilidade de Espaços Mentais de Mesclagem.

Em (1d), (1e), (1f), (1g), ilustrado a seguir na figura 2, para conveniência do leitor, há uma *construção de representação* em relação ao evento de um aluno surdo acompanhar o que é dito e sinalizado pelo professor. Agora, o corpo da sinalizante codifica a ação e representa o agente da ação, um *|aluno|*. A disposição do corpo, olhar e os movimentos corporais não mais pertencem ao narrador do discurso, mas à nova entidade concebida sobre o corpo da sinalizante. O olhar da sinalizante age de modo a representar o olhar do *|aluno|*, que acompanha suas mãos e um ponto adiante (à direita) e acima, no espaço de sinalização, referindo-se às *|mãos do professor|* e aos *|lábios do professor|*, respectivamente. As mãos da sinalizante deixam de ser articuladores do discurso, e passam a ser concebidas como uma entidade conceitual visível. Dessa forma, parte do corpo da sinalizante é particionado a conceber outro Espaço Mental de Mesclagem (DUDIS, 2004, MCCLEARY; VIOTTI, 2011), já que a disposição do tronco, face e o olhar representam o *|aluno|* e as mãos da sinalizante representam as *|mãos do professor|*. Na maior parte da *construção de representação* em análise, as mãos da sinalizante atuam de forma distinta: a mão direita articula o sinal VER em (1e), (1f), (1g), que pertence ao discurso do narrador do evento, enquanto a esquerda permanece como contraparte do Espaço Mental de Mesclagem *|mãos do professor|*. O ponto adiante (à direita) e acima representa uma entidade conceitual invisível, *|os lábios do professor|*, que diz respeito ao local para onde o *|aluno|* direciona seu olhar, de forma a acompanhar o que o *|professor|* está falando. Este, por sua vez, fala e sinaliza ao mesmo tempo.

---

<sup>9</sup> Moreira (2007) faz uma relação entre as vozes que compõem o discurso sinalizado a partir da Teoria dos Espaços Mentais e da Teoria da Enunciação. Segundo a autora, quando vemos ou ouvimos uma narrativa, conseguimos perceber que existem muitas vozes compondo o discurso: a do narrador (entidade que conta os fatos), a das falas das personagens e a voz do enunciador (sujeito do texto que usa a língua e projeta, em seu enunciado, marcas de pessoa, tempo e espaço). Considerando a atividade cognitiva na construção dos Espaços Mentais e a integração entre eles, essas vozes, em narrativas sinalizadas, podem ser entendidas como diferentes espaços mentais integrados. Nas línguas de sinais, o espaço de enunciação seria sempre sobreposto ao Espaço Mental Real, e o enunciador estaria sempre integrado ao sinalizante. Quando o sinalizador usa o espaço físico para construir seus enunciados, ele se torna um enunciador e, ao mesmo tempo, um narrador. Já em relação às construções *representativas*, há integração entre o Espaço Mental do enunciador, o Espaço Mental do narrador e o Espaço Mental do *eu* interlocutor, todos sobrepostos ao sinalizante do Espaço Mental Real. Na *representação*, o narrador, incorporado pelo sinalizante, passa de um simples observador dos fatos, a um participante da história.



## FIGURA 2 – Representação do aluno

OLHAR p/ sinais OLHAR p/ fala OLHAR p/ sinais OLHAR p/ fala



FONTE: Trecho do *corpus* analisado com o ELAN

Logo, há o Espaço de Mesclagem invisível do *|professor/* e dos *|lábios do professor/*; o Espaço Mental de Mesclagem visível das *|mãos do professor/*, a articulação do sinal VER pelo narrador e o Espaço Mental de Mesclagem visível do *|aluno/*, que também promove visibilidade do evento VER (*representação*). Nas imagens (1e), (1f) e 1(g), ilustrados anteriormente, a sinalizante promove a construção simultânea do *|professor e seus lábios/*, *|mãos do professor/*, do *|aluno/* e da fala do narrador. Da mesma forma, o evento *ver* é disponível ao interlocutor tanto na fala do narrador quanto na ação do participante *|aluno/*.

Em (1h) e (1i), na figura 3, a sinalizante deixa de ser um *|aluno/* e volta a configurar-se como narradora do discurso. Seu olhar direciona-se como inicialmente em (1a), (1b), (1c), também ilustrados a seguir. A ação manual deixa de representar *|as mãos do professor/* e codifica os sinais do narrador.

## FIGURA 3 – Narradora do discurso

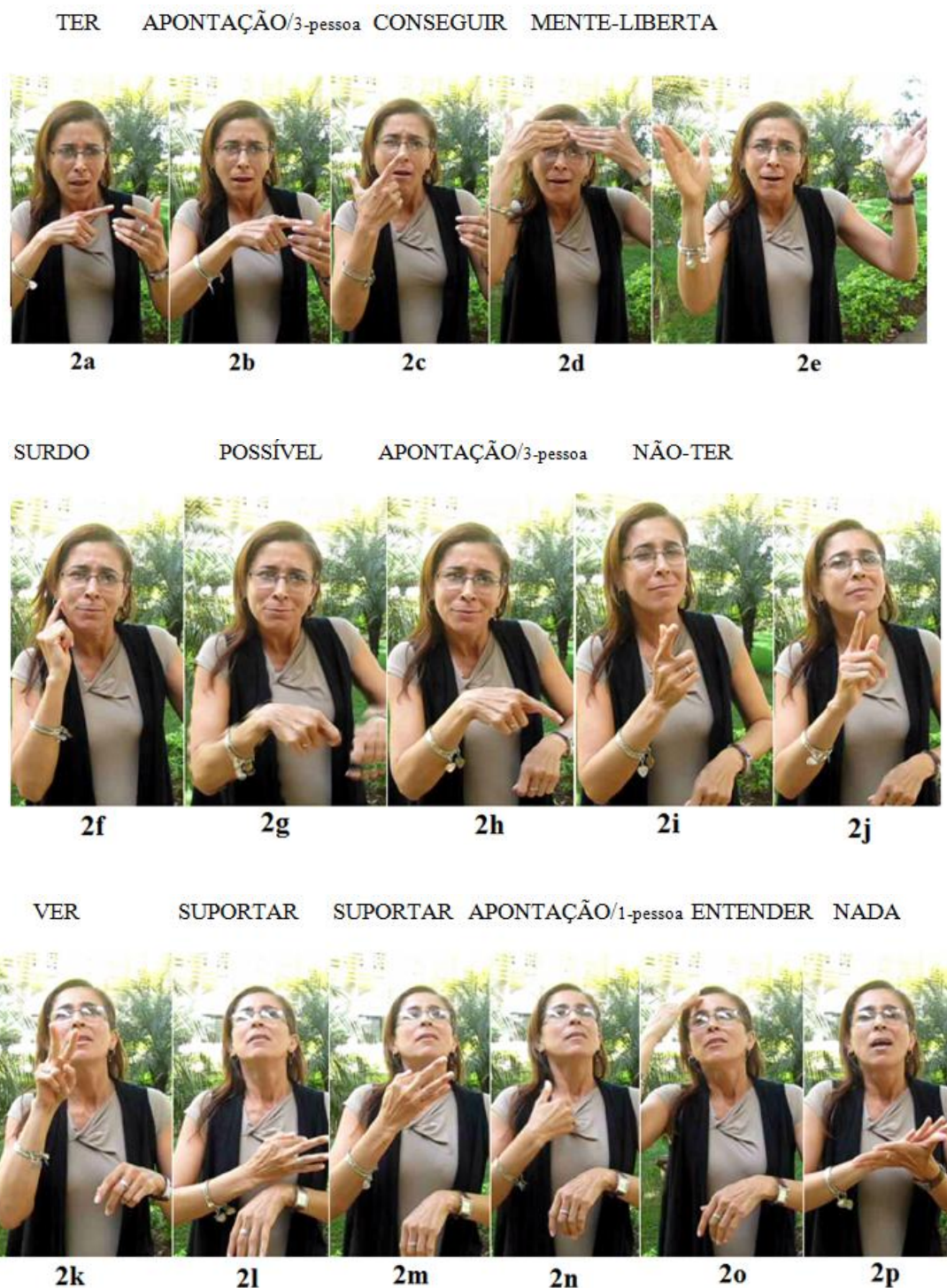
APONTAÇÃO CONFUSO APONTAÇÃO ORALIZAR SINALIZAR



FONTE: Trecho do *corpus* analisado com o ELAN

O *|aluno|* é a entidade visível, codificada sobre o corpo da sinalizante; diz respeito ao argumento agente que, no exemplo, está ativo, consciente e age de forma a caracterizar a ação. Desta forma, é o participante mais visível na construção. Os *|lábios do professor|* e as *|mãos do professor|*, entidade invisível e visível, respectivamente, são os objetos de percepção.

**FIGURA 4 – Texto 2**







FONTE: Trecho do *corpus* analisado com o ELAN

Tradução livre do texto 2:

*Os alunos surdos conseguem ter um amplo conhecimento (através do método bimodal de ensino)? É possível? Não. Veem o professor falando e sinalizando ao mesmo tempo, passam por constrangimento e não entendem nada! O professor continua a falar e falar, mas a vontade dos surdos é que o ensino seja em língua de sinais, por causa dos aspectos culturais.*

No trecho ilustrado pelas imagens de (2a) a (2i), na figura 4, a sinalizante atua como narradora do discurso. Não há projeção de Espaços Mentais sobre seu corpo para formação de Espaços Mentais de Mesclagem. Assim, nenhum participante do discurso é visível (através da *representação*), até o momento.

Em (2a) e (2b), retomados a seguir, na figura 5, há a criação de um Espaço Mental de Mesclagem *Token*, à direita do quadrante. Nas imagens citadas, a sinalizante olha e, em seguida, olha e aponta para sua esquerda no espaço de sinalização, vinculando a entidade “alunos” a essa área. Posteriormente, esse ponto será mencionado em nova referência aos “alunos”, nas imagens (2h), (2s) e (2y), também ilustrados na figura 5 a seguir.

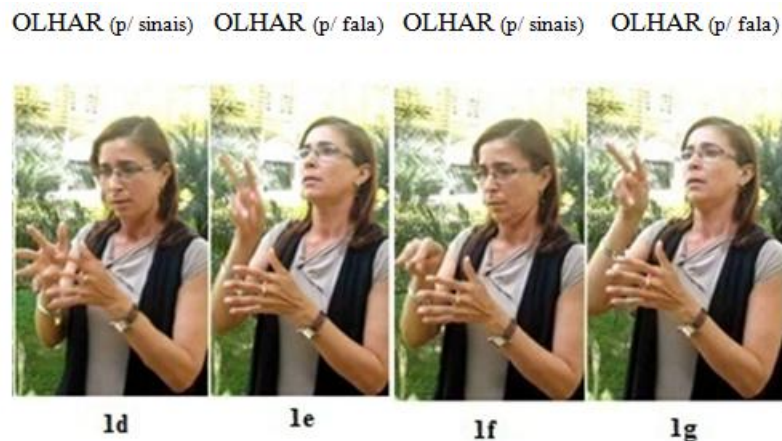
### FIGURA 5 – Espaço Mental de Mesclagem *Token*



FONTE: Trecho do *corpus* analisado com o ELAN

No exemplo anterior, figura 1, a sinalizante estabeleceu a entidade “professor” à sua direita, ilustrado na imagem (1a). Agora, há a criação de um novo elemento do Espaço *Token*, que vincula a entidade “alunos” à esquerda no espaço de sinalização. Assim, a sinalizante usa o espaço físico imediato para distribuir os referentes de maneira a realizar um contraste espacial entre os envolvidos. A coerência no uso do espaço também é observada durante a *representação* de |*aluno*| no exemplo anterior. Nas imagens (1d), (1e), (1f) e (1g), ainda na figura 1, ilustradas a seguir (figura 6), o |*aluno*| tem seu corpo disposto de forma que seu dorso está voltado para a mesma área vinculada aos “alunos” e a região anterior de seus ombros, face e olhar estão direcionados à direita, local onde são concebido o |*professor*| e o “professor”.

### FIGURA 6 – Posição do corpo do |*aluno*|



FONTE: Trecho do *corpus* analisado com o ELAN

De volta ao exemplo corrente, figura 4, o corpo da sinalizante assume nova identidade, diferente do narrador, a partir de (2k). De (2k) a (2o), retomados a seguir, na figura 7, o *|aluno|* emerge e ganha visibilidade. A disposição do corpo e da face da sinalizante serão atribuídas ao participante *|aluno|*, e não à sinalizante/ narradora.

**FIGURA 7 – Narrador ganha visibilidade**



FONTE: Trecho do *corpus* analisado com o ELAN

Durante a *representação*, o olhar da sinalizante volta-se para frente e para cima, e cria um outro Espaço Mental de Mesclagem, um *|professor|*. Assim, uma nova entidade surge, a partir da área vazia no espaço de sinalização à frente da sinalizante. Agora, diferentemente do *|aluno|*, o *|professor|* é uma entidade invisível, mas conceitualmente presente.

A ação de VER durante a *representação* em (2k) a (2o), na figura 7, não mais acontece como no exemplo anterior, que havia um deslocamento da cabeça da sinalizante em movimentos discretos de flexão e extensão, a caracterizar as ações do *|aluno|* em observar a fala e os sinais simultâneos do *|professor|*. Agora, esses movimentos oscilatórios de cabeça estão ausentes na *representação* de VER. O olhar do *|aluno|* está fixo num ponto à frente e acima, sugerindo que este se esforça para acompanhar o discurso bimodal do *|professor|*. Nesta construção, a *representação* não foca a ação em si, apesar de codificá-la com os mesmos participantes que o exemplo ( 1 ). Agora, enfatiza-se o não entendimento e o constrangimento do *|aluno|* em relação à ação de VER. As expressões faciais da sinalizante, durante a *representação* da ação de VER, de (2k) a (2o), adquirem uma dinâmica particular e sugerem um estado de angústia. Essas conotações não são vinculadas à sinalizante, mas ao *|aluno|*.

Assim, apesar de o corpo da sinalizante projetar a entidade */aluno/* em sua ação de *ver*, aqui o participante configura-se como o paciente do evento. A disposição do corpo e face da sinalizante mimetiza um estado de constrangimento em consequência da ação de um agente.

Como vimos, as expressões faciais observadas durante a *representação* são inferidas como sendo expressões faciais do */aluno/*. Mas, diferentemente, as ações manuais durante a *representação* não parecem pertencer a essa entidade. A configuração das mãos não denota manipulação de algo ou de qualquer ação gestual que pudesse ser vinculada ao */aluno/*. A articulação manual, na realidade, pertence às ações da narradora, que continua a atuar mesmo com a projeção de um Espaço Mental sobre a cabeça e o tronco da sinalizante. Dessa forma, o corpo da sinalizante é particionado (LIDDELL, 2003, DUDIS, 2008, MCCLEARY; VIOTTI, 2011), deixando livres as mãos para que atuem como projeção da fala do narrador, embora a disposição do corpo, direção do olhar e expressões faciais estejam combinadas a outra entidade para compor o Espaço Mental de Mesclagem */aluno/*.

O evento representado na sequência discursiva ilustrada de (2k) a (2o), figura 7, acontece na perspectiva do */aluno/*, visto que é a entidade que adquire visibilidade na *representação*. Assim, a sentença é construída com o paciente do evento projetado sobre o corpo da sinalizante, de forma que tal participante assuma maior destaque na codificação e se sobressaia em relação ao agente.

Na figura 8, a seguir, o corpo da sinalizante desvencilha-se do ato de *representação* do */aluno/*. Observa-se que o olhar deixa de se fixar à frente e acima, como a mirar o */professor/*. O queixo da sinalizante deprime de maneira a deixar a face novamente numa posição de repouso.

**FIGURA 8 – Sinalizadora desvencilha-se do */aluno/***

NADA



2p

FONTE: Trecho do *corpus* analisado com o ELAN

De (2p) em diante, na figura 4, as ações manuais continuam a materializar as ações do narrador. Agora, sugerimos que a voz do narrador é o único na enunciação, já que além da articulação manual, a direção do olhar e a disposição da face também dizem respeito a ele.

## 5. Conclusão

Diante da análise dos dados, vimos ser possível, durante a *representação*, a codificação simultânea de entidades visíveis sobre o corpo do sinalizante, entidades invisíveis sobre o espaço de sinalização, o estado de participantes visíveis, o evento, e a fala do narrador. Sugerimos que o sinalizante pode alternar em representar ora o agente, ora o paciente, sendo tais participantes identificados a partir de critérios como a disposição do corpo e da face do sinalizante.

Certamente, estudos precisam ser feitos sobre o assunto, a fim de desvendarmos mais a relação entre *representação* e línguas de sinais e como os parâmetros formacionais são organizados nesse processo. A partir disso, outras demandas importantes surgem, como a formação de tradutores/ intérpretes e o ensino de língua de sinais que contemplem tal fenômeno.

## Referências

- AARONS, Debra; MORGAN, Ruth. Zilla. Classifier predicates and the creation of multiple perspectives in south african sign language. *Sign Language Studies*, Washington, v. 3, n. 2, p. 125-156, winter, 2003.
- DUDIS, Paul. Body partitioning and real-space blends. *Cognitive Linguistics*, v. 12, n. 2, p. 223-238, 2004.
- DUDIS, Paul. Tipos de representação em ASL. In: QUADROS, Ronice Muller.; VASCONCELLOS, Maria Lucia (Org.). *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais*. Petrópolis: Editora Arara-azul, 2008, p. 159-190.
- ESTELITA-BARROS, Mariângela. *Elis – escrita das línguas de sinais*: proposta teórica e verificação prática. 2008. 199 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. 7<sup>th</sup> printing. Cambridge: Cambridge University Press, 2006 [1997].
- FAUCONNIER, Gilles.; TURNER, Mark. Blending as a central process of grammar. In: GOLDBERG, Adele. *Conceptual structure, discourse and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 113-129.



- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. Conceptual Integration Networks. *Cognitive Science*, v. 22, n. 2, p. 133-187, april-june, 1998.
- JOHNSON, Mark. *The body in the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- KENDON, Adam. Language and gesture: unity or duality? In: MCNEILL, D. (Ed.). *Language and gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 47-63.
- LANGANCER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar*. Volume 2: descriptive applications. Stanford, CA: Stanford University Press, 1991.
- LANGANCKER, Ronald. *Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar*. New York: Mouton de Gruyter, 2002.
- LANGACKER, Ronald. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.
- LIDDELL, Scott. Spatial representations in discourse: comparing spoken and signed language. *Lingua*, v. 98, p. 145-167, 1996.
- LIDDELL, Scott. Blended spaces and deixis in sign language discourse. In: MCNEILL, David. (Ed.). *Language and gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 331-357.
- LIDDELL, Scott. *Grammar, gesture and meaning in american sign language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- MCCLEARY, Leland.; VIOTTI, Evani. Língua e gesto em línguas sinalizadas. *Veredas*. Juiz de Fora, v. 1, p. 289-304, 2011.
- MOREIRA, Renata Lúcia. *Uma descrição da dêixis de pessoa na língua de sinais brasileira: pronomes pessoais e verbos indicadores*. 2007. 149f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade São Paulo, São Paulo, 2007.
- OKRENT, Arika. A modality-free notion of gesture and how it can help us with the morpheme vs. gesture question in sign language linguistics (Or at least give us some criteria to work with). In: MEIER, Richard; CORMIER, Kearsy; QUINTO-POZOZ, David. *Modality and structure in signed and spoken languages*. New York: Cambridge University Press, 2002. p. 175-198.
- VELOSO, Brenda Silva. *Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na língua de sinais brasileira*. 2008. 159f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.